



---

**PINTASSILGO, Joaquim, e Alda NAMORA DE ANDRADE. *A Inovação Pedagógica no Contexto de uma Escola Pública Portuguesa: o Caso do Projeto «Farol»*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2019. 101 pp. ISBN 978-989-8753-56-4**

---

O livro *A Inovação Pedagógica no Contexto de uma Escola Pública Portuguesa: o Caso do Projeto «Farol»*, da autoria de Joaquim Pintassilgo e de Alda Namora de Andrade, apresenta uma experiência educativa inovadora ocorrida numa escola do Agrupamento de Escolas Padre Vítor Melícias, em Torres Vedras, distrito de Lisboa.

Os principais objetivos do estudo feito pelos autores foram os de, por um lado, tentar perceber se este projeto se pode categorizar como *diferente* ou *alternativo* face ao paradigma representado pela forma

escolar ou de acordo com a definição de escola tradicional; e, por outro, identificar o grau de inovação das suas práticas educativas, sobretudo em termos das conceções que lhe deram forma.

Como advertem os autores nas páginas iniciais do livro, este foi um exercício estimulante por se tratar de historiar o presente, mais concretamente o desenvolvimento do projeto no decorrer do ano letivo de 2017/2018. Sendo este trabalho baseado num paradigma interpretativo, apresenta-se um caso de estudo num registo descritivo, o que comporta um notório desafio: a quase simultaneidade do tempo de quem escreve e do seu objeto de estudo não permite um distanciamento sobre o que se vê, se ouve e se lê; mas é também uma bela forma de dar visibilidade a boas práticas locais e a projetos significativos para uma comunidade. O historiador tem também essa missão e ambos os autores, com obra conhecida e reconhecida no campo da História da Educação, assim a cumprem.

Em termos metodológicos, e tendo em conta a especificidade de este ser um estudo feito em “direto”, a investigação baseou-se num *corpus* documental cedido pela equipa que implementou o projeto e num conjunto de entrevistas semiestruturadas feitas à diretora do Agrupamento, a professoras e a pais. Para além disso, os espaços e as materialidades a eles associadas foram fotografadas e foram recolhidas imagens pertencentes ao portefólio do projeto.

O Projeto FAROL (acrónimo de Fazer, Aprender, Refletir, Observar e Libertar), iniciado no ano letivo de 2015/2016, é o resultado de uma vontade coletiva em torno da ideia de escola pública, protagonizada por

uma comunidade alargada: professores, pais, Câmara Municipal de Torres Vedras, Junta de Freguesia de Santa Maria, São Pedro e Matacães, e Agrupamento de Escolas Padre Vítor Melícias. Na génese deste projeto esteve a cooperação entre um conjunto de pais e mães descontentes com a escola tradicional e um grupo de professoras que procuraram alternativas pedagógicas para materializar uma ideia de escola inovadora e do século XXI. Como se pode ler nos documentos de apresentação do projeto, a ideia central desta conjugação de forças e vontades foi a de permitir aos alunos a *aquisição de competências ao nível da procura de informação em contraponto a uma acumulação sem critério de conhecimento*; e, com isso, contribuir para uma sociedade com valores associados *aos direitos humanos e à democracia, ao humanismo e ao universalismo, ao pacifismo e ao respeito pelo ambiente*.

A estrutura do livro é enriquecida nas primeiras páginas com um importante enquadramento concetual que aborda os principais pressupostos teóricos que ajudam a identificar e a caracterizar a natureza e o alcance do projeto estudado. Como tal, é a partir dos conceitos de ‘forma escolar’, ‘inovação educativa’ e ‘escola diferente’ que é possível perceber o contexto em que o FAROL surge. A narrativa, organizada em diferentes capítulos, percorre a criação do projeto e o modelo pedagógico que lhe serviu de inspiração; a forma como a comunidade de aprendizagem foi construída, suportada por uma intensa e regular participação de pais e encarregados de educação na vida escolar dos filhos; a flexibilização escolar e a opção por metodologias alternativas; a assunção da autonomia, da participação coletiva e do exercício de ci-

dadania presentes; e o papel do professor na relação pedagógica.

O projeto FAROL pretendeu abrigar uma *Educação adequada aos desafios do século XXI*, de acordo com o seu projeto educativo, dando voz à criança. A criação de uma identidade própria, influenciada por diferentes modelos educativos (High Scope, Movimento da Escola Moderna, modelo de Reggio Emilia, Pedagogia de Projeto) e inspirada pela Escola da Ponte, provocou um *sentimento de pertença* na comunidade. Este aspeto é muito importante e relevado pelos autores: uma criança antes de ser criança é uma cidadã, com direito... a ser ouvida, a ser respeitada nos seus valores, conhecimentos, expectativas, medos e desejos.

Como inovar na escola atual? *O caminho faz-se caminhando* é o mote do projeto, e adapta-se à criança, com abertura de espírito de pais, professores e comunidade. É igualmente provocadora e fascinante a ideia de uma *escola dos sonhos de muitos pais*. Sonhos? Sim, mas daqueles que se podem concretizar e materializar em algo de significativo na vida de todos. Sim, *todos são educadores e todos estão em processo de evolução*, como se escreve num dos documentos orientadores do projeto. De um triângulo se desenha um quadrado: escola, família, criança e, agora, comunidade de aprendizagem. Mais importante do que metodologias ou pedagogias é a comunidade, plural, ativa e cidadã, no sentido de que a Escola é, ou pode ser, o retrato de uma sociedade do século XXI.

À luz da flexibilidade curricular, são vários os exemplos descritos no livro de trabalho articulado entre diferentes áreas de conhecimento. Veja-se o caso dos pro-

jetos ligados às Tecnologias da Informação e Comunicação, dos Circuitos de Aprendizagem, da Matemática em Ação ou das diferentes oficinas, que são desenvolvidas em áreas como artes marciais, expressão dramática e teatro, expressão musical ou educação física.

Uma das ideias centrais é a do adestramento da cidadania e este projeto fá-lo de forma inequívoca, por exemplo através de uma assembleia, na boa tradição do *self-government* escolar. Os momentos de reunião são valorizados, bem como as regras do projeto, a distribuição de tarefas e instrumentos de avaliação. Releve-se a existência de uma comissão de ajuda, que procura ajudar na resolução de conflitos e acompanhamento das responsabilidades.

O livro descreve, mas também adverte: qualquer projeto, e este em especial, vive e convive com problemas próprios de estarmos perante pessoas que se preocupam com a educação de pessoas. Com efeito, o ambiente de suspeição entre a população local marcou o arranque deste projeto e a desconfiança seria sentida por todos aqueles que estavam na linha da frente desta escola *diferente*. Neste ponto, não é inocente a escolha que os autores fazem de excertos de entrevistas feitas à diretora do Agrupamento ou às professoras, que nos dão conta de vozes exteriores ao projeto, que viam a escola como um recolhimento de crianças difíceis ou inadaptadas ao projeto, uma *escola de malucos* ou *de deficientes*.

Uma sociedade tem limites, e os seus atores também, por extensão. Esta questão é central e sensível no livro, porque descreve o confronto entre o campo de competências e de atribuições de cada um dos agen-

tes envolvidos. Ainda que a sociedade do século XXI conheça uma reconfiguração da noção de fronteira, a verdade é que há linhas divisórias que existem, mas que podem ser pisadas numa atitude de diálogo e de cooperação. Este projeto é o espelho desta relação de territórios diferentes (pais, escola e professores), contíguos, mas que são convergentes nos interesses e no foco: as suas crianças.

Ainda que observadores privilegiados deste FAROL, Joaquim Pintassilgo e Alda Namora de Andrade tiveram o distanciamento suficiente do objeto de estudo no momento de avaliar o seu grau e tipo de inovação. Se confirmam o projeto FAROL como a materialização de uma escola *diferente* ou *alternativa*, no que toca à dimensão inovadora das práticas educativas que foram sendo desenvolvidas ao longo do ano letivo, os autores entendem ser necessário olhar para as mesmas de uma forma relativa. Neste ponto em particular, o exercício do trabalho de projeto ou a realização de assembleias não configuram a assunção de um grau inovador, tendo em conta que são práticas observadas há muito no tempo longo da história da educação. Contudo, a relativização desta conclusão prende-se com facto de que é preciso entender as práticas no seu contexto e no caso em apreço a inovação fez parte daquela comunidade. Aliás, o peso do contexto socioeducativo, muito bem descrito ao longo das páginas do livro, é evidência suficiente para os autores escreverem que o *elemento mais original é o que se refere ao papel que as famílias tiveram na criação da escola*.

Neste livro, o leitor pode acompanhar a descrição dos principais momentos e decisões pedagógicas do projeto, através do discurso direto da diretora do Agrupamen-

to, dos pais e dos professores envolvidos, para além de esquemas e de um conjunto significativo de fotografias ilustrativas que o fazem mergulhar no quotidiano desta escola e que muito enriquecem a narrativa. E no quotidiano presente, é a criança que está no centro. Uma espécie de farol do futuro que, com a sua capacidade de ler o mundo nos guias, a nós, adultos.

Da sua leitura fica a viva impressão de que projeto FAROL foi construído literalmente e pedagogicamente. Literalmente, porque se arregaçaram mangas e se pôs mão à obra para criar as condições físicas que permitissem materializar as aspirações dos atores envolvidos. E pedagogicamente, porque se preencheu os interiores dessas paredes e espaços ao ar livre com um

projeto inovador e significativo para pais, alunos e comunidade.

O projeto FAROL não servirá de manual de instruções para a criação de escolas inovadoras, nem o livro procura transmitir essa mensagem, mas serve antes de inspiração para todos aqueles que se interessam pela construção de uma educação plural, desafiadora e partilhada entre alunos, professores e pais. E isto já é razão suficiente para perceber que a escola é muito mais do que as paredes que a encerram.

*Nuno MARTÍNS FERREIRA  
Escola Superior de Educação  
Instituto Politécnico de Lisboa*